
EDUCAÇÃO E HISTÓRIA - PATRIMÔNIO HISTÓRICO: PRESERVAÇÃO DA CULTURA DE UM POVO (Conhecendo a Pré-história da minha cidade)

Heriberto da Mota de Arruda Barros¹
Universidade de Pernambuco – UPE
heriberto.motaupe@hotmail.com
Ulisses Batista da Silva²
Universidade de Pernambuco – UPE
ulisses_geps@hotmail.com
Maria do Carmo Barbosa de Melo³

Em tempos passados, o método tradicional de ensino tentava levar os alunos a não errarem, nunca acreditavam que o aprendizado ocorria quando eles não davam as respostas certas para as questões propostas.

Com o passar do tempo essa idéia foi sendo modificada, pois se acredita que o erro pode ser utilizado como fonte de virtude ou de crescimento, se trabalhado de forma adequada pelo professor, além de nos remeter a teoria de Piaget que rejeitava métodos padronizados e que buscava entender o desenvolvimento do conhecimento da criança e do adolescente, pois ele ressalta através de sua teoria e suas diversas experiências a importância desse estudo que investiga o nascimento de nosso conhecimento quando criança e adolescente.

De acordo com a concepção interacionista, o professor competente encara o erro como sinal de uma estruturação e/ou construção, e a partir dele direciona a sua atuação criando situações que levem o aluno a reelaborar o problema em questão.

Luckesi foi bem claro quando disse:

“Reconhecendo a origem e a constituição de um erro, podemos superá-lo, com benefícios significativos para o crescimento. Por exemplo: quando atribuímos uma atividade a um aluno e observamos que este não consegue chegar ao resultado esperado, conversamos com ele, verificamos o erro e como ele o

¹ Graduando do 8º Período em Licenciatura plena em História pela Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Nazaré da Mata.

² Graduando do 8º Período em Licenciatura plena em História pela Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Nazaré da Mata.

³ Orientadora da pesquisa. É Licenciada, bacharel, mestre e doutora em Epistemologia e Ensino de História pela Universidade do Minho (Portugal) – Professora da Universidade de Pernambuco – UPE – FFPNM.

*cometeu, reorientamos seu entendimento e sua prática. E então muitas vezes o aluno diz: “Poxa só agora compreendi o que era para fazer!” Ou seja, foi o erro conscientemente elaborado que possibilitou a oportunidade de revisão e avanço”.*⁴

Nesta direção, as aulas de História, assim como outras disciplinas de natureza humana, têm se constituído uma das áreas mais deformadas na educação devido à total desvalorização das ciências humanas pela ideologia do desenvolvimento tecnocrático, que embeveceu administradores e planejadores governamentais e educacionais desde o século passado. Conforme PINSKY & PINSKY:

*“as grandes mudanças políticas e econômicas ocorridas no final do século XX causaram muita perplexidade entre professores e estudantes de História em geral, criando, em certos círculos, atitudes de ceticismo com relação ao próprio conhecimento histórico, o valor do ensino de História nas escolas e seu potencial transformador”.*⁵

Neste sentido, um dos grandes desafios do professor é transformar a História numa ciência prazerosa que se utilize do passado/presente, conceitos e interpretações, mas que consiga fazer com que os educandos se localizem dentro deste contexto social como sujeitos que produzem e modificam a história constantemente. Sendo assim, queremos proporcionar aos educandos um mundo mais fácil de ser entendido e compreendido com o estudo das relações homem/homem e homem/natureza, desenvolvendo uma consciência crítica reconhecendo que a realidade é mutável, substituindo situações ou explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade, *“que face ao novo não rejeita o velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos”*⁶

Portanto, como afirma PINSKY & PINSKY:

“é necessário que o ensino e História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os

⁴ LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez – 1998 – 7ª Ed, p. 17.

⁵ KARNAL, Leandro (org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 17.

⁶ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983 – 7ª Ed., p. 41.

*alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem”.*⁷

Para Eliete Santiago, como perfil do educador, mesmo que seja óbvio, e o que parece realmente ser; é necessário como fato fundamental dentro do contexto atual, atentar-se para a realidade de que os profissionais da educação, que somos, ou seja, professores e professoras, estão diretamente ligados ao trabalho com pessoas. Em linhas mais detalhadas, esse trabalho se dá, não só no campo educativo; gira também em torno do campo social, com pessoas de diversos lugares, diferentes etnias, com experiências e idades variadas; “mundos diferentes”, expectativas diversificadas, e interesses e necessidades opostas. Contudo, independente da idade ou da experiência de vida, tal interação é constante e metamórfica. Por isso, nessa profissão, é fundamental gostar de gente. É importante “*gostar de gostar de outras pessoas e sentir-se bem com elas*”. Essa é uma condição fidedigna para o exercício do magistério como a própria autora revela.

*“No trabalho de educação e de escolarização, é indispensável gostar de pessoas. Claro que não basta gostar de pessoas, embora isso seja fundamental. Mas, em gostando, ter um profundo respeito por elas, a tal ponto que esse respeito seja impulsionador das opções políticas, epistemológicas e metodológicas e contribua para o exercício crítico da profissão”.*⁸

Talvez assim, a História como ciência humana, possa cumprir sua função social, dentro da conjuntura de uma educação emancipadora e libertadora para a vida. Entretanto, ela sozinha não fará milagres, pois, somos apenas uma ponte, dentro de um universo complexo e cheio de caminhos, por isso mesmo, temos a opção de escolha. Um dos caminhos facilitadores para a construção do processo de ensino-aprendizagem, assim como, para a construção do conceito de cidadania cuja identidade está sujeita a perder-se devido à falta de informação pela negligência de órgãos que se dizem competentes para tal feito, é o de preservação cultural do patrimônio local. Neste sentido, o nosso trabalho, tenta abordar de forma sucinta, características que norteie tal processo.

⁷ **KARNAL**, Leandro (org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 22.

⁸ **NETO**, José Batista & **SANTIAGO**, Eliete (orgs.). *Formação de professores e práticas pedagógicas*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006, p. 114.

Normalmente quando nos referimos ou refletimos sobre patrimônio, comumente nos é pensado o patrimônio material ligado a ganhos, posses, valor monetário, ou até mesmo afluência material de valor afetivo. Entretanto, tais definições que ouvimos inicialmente nos remetem diretamente à conceitos (pré) estabelecidos, em outras palavras, (pré) conceitos. Em todo caso, sabemos que patrimônio são uma diversidade de objetos ou até mesmo valores que por sua importância dispomos de tempo para preservá-los com devotamento principal, como por exemplo, a Vida, sendo está o primeiro patrimônio que nos é dado. Poderíamos aqui então, questionar o porquê de preservá-la. E, com certeza, cada um pensaria claramente que precisamos viver e decidimos seguir adiante com tudo aquilo que nos é oferecido, pois nos amamos e almejamos a felicidade. Neste sentido, é bem notória a escolha que fazemos ao escolher algo em que podemos indicar como importante para a partir da decisão tomada, preservar com mais afeto.

Por este motivo, buscamos produzir um material que possibilite a reflexão sobre a importância e valor do patrimônio cultural brasileiro, em especial, no nosso caso, o legado cultural local, marca fundamental da nossa história, conseqüentemente de nossa identidade enquanto cidade. Sendo assim, há uma clara necessidade de sublimar o que temos de melhor e belo, fazendo reverência a diversidade cultural que nos é pertencente através da Educação Patrimonial - concomitantemente irrigada historicamente de riquezas materiais, orais e talvez pouco conhecida (que é um grande problema).

A educação Patrimonial é um processo educacional que utiliza o patrimônio cultural como forma de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural. Por isso, tentamos desenvolvê-la para estimular a preservação. Deste modo, o Patrimônio cultural é composto pela riqueza e a herança de um povo, ou seja, pelos bens que um grupo social produziu ou adquiriu e elegeu como testemunho de sua cultura, devendo os mesmos permanecer como legados de uma geração a outra.

Feitas as primeiras ressalvas sobre a educação histórica ligada ao patrimônio cultural como testemunha identitária, a produção deste artigo está diretamente anexada à experiência dos estágios ditos obrigatórios da academia, revelando assim, sua importância não só para a construção do conhecimento enquanto graduandos, mas também para a troca de experiências entre os estagiários, regentes e todos aqueles que estão diretamente e indiretamente envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem.

Precisamos saber e inculcar em nossas mentes diariamente, que a missão de formar cidadãos é muito árdua, porém, satisfatória quando feita de boa mente, com responsabilidade e acima de tudo com amor, características essenciais e não utópicas como muitos pensam.

Assim, através dos Estágios propostos pela academia (I, II, III e IV), tivemos não só a oportunidade de observar o funcionamento de uma escola, de uma sala de aula, como também de participar diretamente de tarefas executadas em sala de aula, nos deixando um pouco mais preparados para oportunidades futuras, mas, sabendo que nossa prática ela só vai ser aperfeiçoada com o tempo, e que muitas vezes pensaremos em desistir, nos sentiremos frustrados, enfim, como formadores de opiniões devemos buscar sempre alternativas de melhoria para o nosso trabalho.

Portanto, consideramos de fundamental importância o estágio supervisionado, sendo ele fator decisivo na vida acadêmica, favorecendo uma interação ímpar entre estagiário, professor, regente, aluno, escola, comunidade etc., de modo que percebe-se as angústias pela falta de material pedagógico, os transtornos causados por algum aluno desinteressado, mas, ao mesmo tempo satisfatório em ver o brilho nos olhos de outros que valorizam o trabalho crescendo conosco através do processo de trocas de experiências, deixando dentro de nós uma “angústia” pela busca de transformações individuais e coletivas, almejando assim um diferencial dentre de uma infinidade de possibilidades.

Dentro deste infinito, escolhemos uma proposta que revela um pouco daquilo que somos trazendo à memória a necessidade de contar, viver e acima de tudo conhecer um pouco de nossas origens, além de ressaltar ao mesmo tempo a necessidade de preservação, afinal, não se preserva o que não se conhece, retratando a necessidade de outros trabalhos que contemplem tal proposta.

O Nordeste abriga em seu território alguns dos tesouros mais antigos do Brasil, e talvez o mais antigo das Américas. Uma riqueza esquecida por muitos e negligenciada por outros e conseqüentemente ameaçada de destruição em muitos aspectos. Estes são vestígios de um passado muito remoto, que tenta buscar respostas para o nosso “surgimento”. Estamos falando de algo palpável que temos em nossas cidades, e quem sabe até mesmo no “quintal” da nossa casa. São pinturas rupestres com milhares de anos,

artefatos, vestígios dos primeiros povoadores do nordeste brasileiro, os “primeiros nordestinos” que em tempos remotos usufruíam de uma terra “sem mácula”.

Gabriela Martin em seu livro *Pré-História do Nordeste Brasileiro* da Editora Universitária/UFPE, afirma que: “*Está no Nordeste a maior concentração de abrigos com arte rupestre do mundo*” – a doutora em Arqueologia em torno de 30 anos vem pesquisando sobre a Pré-História da região demonstrando com o seu trabalho quão ricas são as nossas terras e origens de nosso povo.

Em Pernambuco há registros da presença de comunidades primitivas em diversos municípios, entre eles, Afogados da Ingazeira, Arcoverde, **Bom Jardim**, Brejo da Madre de Deus, Buíque, Iati, Salgueiro, Santa Cruz do Capibaribe, Serra Talhada, Taquaritinga do Norte, entre outros. Vale ressaltar, que o município de **Bom Jardim** recebe destaque pelo cemitério indígena conhecido como *pedra do caboclo* localizado no sítio com o mesmo nome.

O município de Bom Jardim – PE - possui uma área de 294 Km², onde se encontra a maior reserva de granito marrom imperial do mundo, com uma população, de aproximadamente 39 mil habitantes. Limita-se ao norte com Orobó e Machados; ao sul com João Alfredo; ao leste com Vicência e Limoeiro; e a oeste com Surubim e Casinhas. Pertence a micro-região do agreste setentrional pernambucano. Acima do nível do mar. O clima predominante é do tipo quente e úmido. A temperatura em graus centígrados é: média das máximas 34; média das mínimas 19. O município é cortado pelas rodovias asfaltadas PE – 90 PE – 89 e PE – 88, distanciando-se 110 quilômetros da capital do Estado (Recife).

A história que se conhece de Bom Jardim remonta há 252 anos d.C. As fontes escritas, como os da Igreja Católica, contam que em 1757 foi instalado o Curato de Santana do Bom Jardim. Uma capela foi construída. Depois, esta passou a ser a igreja matriz de Santana. Nos arredores foram erguidas casas de taipa, que se transformaram em casas de alvenaria, sobrados e, hoje, o conjunto dessas edificações compõe a cidade. Mas sua história não se resume a apenas duas centenas de anos, pois existem comprovações de que pessoas aqui viveram há centenas e até milhares de anos. Podemos contar essas histórias através dos locais onde viveram os povos indígenas e dos vestígios arqueológicos como os vasilhames de cerâmicas, os objetos líticos (furadores, raspadores, pontas de

flechas, machados) e ossos humanos. Deste modo, é preciso conhecer para preservar o passado do futuro, valorizando para não destruir o que temos de mais precioso, pois é importante saber que o patrimônio arqueológico é um recurso cultural frágil e não renovável. Destruí-los tem o mesmo efeito de apagar de nossa memória uma parte de nossa história de vida e perder algumas experiências que formaram nossa identidade cultural, pois esses testemunhos constituem a herança que nossos ancestrais nos deixaram.

Embasados nas pesquisas realizadas por Martin e pelo material escrito e “palpável” encontrados entre os fins do ano de 1968 pelo arqueólogo A. F. G. Laroche foi despertado em nós uma curiosidade importante e necessária sobre a Pré-história local. Conforme estudos, nesta cidade há diversidades de sítios arqueológicos, assim como achados que estão sendo preservados no Ginásio Pernambucano do nosso Estado e no Museu do Homem do Nordeste.

Tais informações foram necessárias e nos deram condições suficientes para levarmos às escolas da cidade, um desejo de usar estes dados, assim como, de utilizar os próprios sítios arqueológicos como fonte de estudo, “transformando” o aluno em um professor, pesquisador, ou melhor, fazer deste projeto um meio pelo qual as comunidades escolares da Cidade usassem, a história local como subsídio para o trabalho em sala de aula. Além de trazer à memória a necessidade de preservação patrimonial de tais sítios, que sofrem a ação do homem ao longo dos tempos. Desta forma, pôde ficar mais fácil a execução das aulas, assim como, a aquisição do conhecimento entre discentes e docentes, destacando que: *a distância que existe entre, a pré-história e nós só corresponde ao tempo cronológico, pois, é possível, ver, sentir, analisar e estudar o assunto proposto mais de perto.*

Segundo Laroche, a atual cidade de Bom Jardim, “*trata-se de uma formação pré-cambriana, de terrenos montanhosos.*”⁹ Para ele, “*na área, houve um grande abate da flora local e conseqüentemente um intenso processo de desmatamento, como alias em toda a zona do Agreste pernambucano.*” Confirmando a ideia de existirem em séculos passados a presença de uma fauna bastante diversificada e representada por numerosas espécies de

⁹ LAROCHE, Armand François Gastón. *O Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo*. Relato de uma pesquisa na zona do agreste pernambucano. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1970.

animais, hoje quase todas desaparecidas, conforme se pôde confirmar através das escavações arqueológicas feitas em nosso território.

A cidade de Bom Jardim segundo a história local foi fundada no século XVIII, precisamente em 1757; período que apareceu a sua primeira freguesia. Sobre o nome da cidade há uma lenda. Diz-se que na área da fazenda Sant'Ana em torno a um local oferecido a referida denominação religiosa morava um prestigioso fazendeiros um dos primeiros povoadores e proprietário de terras da região no começo do século XVIII que trouxe um capelão para oferecer assistência religiosa ao lugar. Deste modo, o representante religioso fez de uma elevação sua habitação, um ambiente cheio de árvores frondosas e paus-d-arcos, ao arredor de um riacho. Encantado com a beleza daquele lugar resolveu, chamar o curato de Bom Jardim que assumiria a categoria de vila em 19 de maio de 1870.

Um dos livros da Cidade, chamado de "*Memórias do Bom Jardim*" relata que após este fato mencionado, não se demorou em se transformar num município, assim em 3 de agosto de 1893, tendo Justino da Mota Silveira como primeiro prefeito deste torrão natal. Vale ressaltar que neste período o Brasil esta sofrendo várias transformações importantes na sua estrutura política e social, como por exemplo, a abolição da escravidão e também o país deixava de ser governado por um imperador.

Várias são as belezas naturais deste torrão natal, além de ser privilegiada pelas ricas histórias que ressoam entre os mais antigos, a natureza propicia um ambiente totalmente aconchegante.

Como prova de tão vastas belezas trazemos a tona a reflexão sobre O Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo. Um dos variados sítios distribuídos em nossa região. Situado dentro dos arredores citadino, levanta uma imensa curiosidade por seus mitos e mistérios criados ao longo do tempo. Para Laroche são incontáveis, em Pernambuco, as cavernas ou rochas com o topônimo "caboclo". Tais ocorrências levavam a supor que esses ambientes rochosos foram habitados ou pelo menos freqüentados em tempos não muito remotos por populações indígenas.

Vale salientar que o ambiente físico no qual encontramos a dita pedra, está nas proximidades de um córrego pelo qual passa o rio Tracunhaém; assim como, está rodeada de arvoredos que aparentemente facilitara a vida humana. Do mesmo modo, diversas

formações rochosas são encontradas no campo da pedra, são diversos espaços coberto pelos blocos líticos, que muitas vezes se dá a impressão de existir um labirinto de pedras.

“A tradição parece indicar o sítio como tendo sido utilizado para cerimônias. Em tempo que a memória ainda recorda, o povo de Bom Jardim realizava ali festejos com músicas e danças a luz de tochas e fogueiras acesas no cume da pedraria. Conta-se que tais manifestações populares, devido aos seus aspectos pagãos, eram combatidas pelos párocos.”

Esta é uma das histórias contadas sobre o nosso ambiente de estudo, visto que outras rodeiam o local pelos mais antigos. Como por exemplo, o de existir ouro, tanto que muitos escavavam as regiões próximas para a descoberta de tal raridade. Não custa nada nos deter nestes relatos para conhecermos o que pensam de tal pedra, porém queremos nós deter de forma mais precisa naquilo que pode ser provado através de pesquisas e sejam relatadas para que os alunos percebam quão importantes é estudar este sítio arqueológico para entender, a pré-história local.

Conforme Laroche, em Pernambuco, as cavernas parecem constituir a principal fonte de informações arqueológicas. Pois, nesses locais encontram-se dados valiosos sobre as raças arcaicas ameríndias que ocuparam o território nordestino.¹⁰

*“A Pedra do Caboclo situa-se sob um grande bloco de magmatite assentado sobre outras rochas. O espaço interior disponível ou alojável se distribui irregularmente entre as intersecções das rochas. A abertura, um pouco baixa, ocupa na frente uma extensão de cerca de 16 metros; ela está orientada para o sul. A profundidade da caverna é de 12 metros”.*¹¹

O que nos importa agora é descrever sobre os tipos de vestígios encontrados no sítio arqueológico, pois, é possível compreender com os dizeres do arqueólogo supracitado que o ambiente de estudo oferece grandes informações sobre uma cultura mais remota, é interessante ressaltar que o local em tempos de escavação estava bem depredado o que dificultou ainda mais um trabalho que já é difícil. Mas o que levaria homens a depredar um local como este? A velha lenda das riquezas enterradas no local. Na verdade são riquezas

¹⁰ Cf. P. 20.

¹¹ Id. P. 21.

não em bem consumíveis, mas uma riqueza material que nos indica origens de uma importante história.

Segundo Laroche os registros feitos sobre os achados se revelaram bem satisfatórios: lareira com cinza e carvão, blocos rochosos feitos de assentos, elementos de colares, cacos de cerâmica, pedaços de maxilar e vários ossos humanos em relativo estado de conservação, mandíbulas inferiores, coroas dentárias, zona funerária, restos de animais que parecem provir de atividades alimentares humanas, alguns coprólitos não identificados, sementes de plantas perfuradas, colar em madeira, cacos Tracunhaém, pequenas quantidades de ocre, entre outros.

Sendo assim, os trabalhos de pesquisas efetivados no sítio arqueológico por Laroche demonstram que existe, naquele sítio, importante informações arqueológicas ainda a serem estudadas. Além de nos oferecer um material riquíssimo de estudo todas estas informações precisam ser confrontadas em sala de aula revelando assim sua importância dentro do processo de ensino-aprendizagem, pois não se preserva o que não se conhece.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **CAMARGO**, Haroldo Leitão – Patrimônio Histórico e Cultural. SP: Aleph, 2002.
- **ECKERT**, C.; **ROCHA**, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2005.
- **FREIRE**, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983 – 7ª Ed.
- **LAROCHE**, Armand François Gastón. *O Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo*. Relato de uma pesquisa na zona do agreste pernambucano. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1970.
- **LUCKESI**, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez – 1998 – 7ª Ed.
- **KARNAL**, Leandro (org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- **NETO**, José Batista & **SANTIAGO**, Eliete (orgs.). *Formação de professores e práticas pedagógicas*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.
- **MARTIN**, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 3ª ed. Recife: UFPE, 1999.

-
- **RODRIGUES, Neidson.** *Por uma nova escola: O transitório e o permanente na educação.* São Paulo: Cortez – 1999.
 - **SILVA, Severino Ribeiro da.** *Educação Patrimonial em Bom Jardim: preservação da história de um povo* – Recife: Editora do Autor, 2009.
 - **UNESCO.** *Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural.* In: www.unesco.org.
 - **WOODWARD, K.** Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T.D. (org.) *Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.